

Personagens

Velha

Artesã. Com seu acordeão, ela faz músicas inspirada pelo canto dos pássaros.

Menino

Órfão criado pela velha. Sabe imitar vários cantos de pássaros e com seu instrumento de sopro acompanha a velha nas canções.

Seu Moço

Turista que chega da cidade para comprar alguns pássaros artesanais. Professor de música, traz seu violão.

O Texto

A história se passa num lugar indefinido do interior do Brasil, em meio a uma mata. Ao fundo, vemos a parede de trás de uma casa de sapê, com uma porta e uma janela. O centro do palco é constituído pelo quintal da casa que se mistura à mata. Nas laterais do palco, vemos a mata adentrando o quintal. Esse quintal deve dar uma ideia de clareira no meio da mata. Há alguns bancos feitos de troncos de árvores pelo espaço, assim como utensílios domésticos típicos do interior, como caçambas, uma vassoura feita de galhos, enxada, panelas de barro etc. Em algum ponto vê-se uma pequena fogueira, usada para preparar chás, caldos e assados. Numa das laterais há uma rede de dormir. No centro à esquerda estão pendurados por fios individuais vários passarinhos de espécies variadas feitos de barro, pintados e com penas coladas. Eles estão pendurados para secar e alguns ainda estão sem acabamento. Perto desse “móvil”, há uma estrutura feita de bambus, como um grande poleiro, oferecendo níveis diferentes de altura, para que o móvil possa ser alcançado. Na frente do palco à direita estão os materiais e utensílios utilizados para a confecção dos pássaros: um banquinho, tigelas de barro e a máquina usada para modelar o barro. O chão é de terra batida, com alguns pontos onde nascem plantas: há folhas secas caídas por toda parte. Do alto aparecem galhos de árvores que penetram na cena.

Música de Abertura.

Os atores-músicos entram, com seus instrumentos, cantando pelo meio da plateia.

Quero ê, Quero á

O senhor dono da casa / foi quem mandou me chamar /
ó de casa, abre a porta / acabamos de chegar.

Quero ê, quero ê, quero á / ó senhor dono da casa /
o que é que tem para me dar?

Vou correndo mundo afora/vou cumprindo uma missão / Canto e conto muita história /
pra alegrar seu (o) coração

Quero ê, quero ê, quero á / tristeza por alegria / se quiser pode trocar.
Minha prosa é bandoleira / minha prosa é bandolá /
minha prosa ninguém tira / só se deus mandar tirar.
quero ê, quero ê, quero á / assim canta a minha gente /
assim também quero cantar.

As histórias que eu trago / são de amor, sonho e beleza /
são do tempo em que o homem / era irmão da natureza.

Quero ê, quero ê, quero á / nesse tempo o ser humano /
entendia os animais

Olha só como é que fica / olha só como é que está /
quem vem contar um conto / um ponto vai acrescentar.

Quero ê, quero ê, quero á / Lua nova me alumia que já vamos começar.

(Os atores-músicos saem de cena. A luz cai).

PARTE I - Na Casa

Tênue escuridão precede o amanhecer. Ouvem-se uns poucos e esparsos pios de pássaros. A luz sobe um pouco. Entra em cena o menino, vindo da lateral da casa; ele traz um lampião. Ele se espreguiça, olha para todos os lados, e solta alguns pios, se comunicando com os pássaros da floresta; há algumas respostas e ele sorri. A luz sobe mais um pouco e mais cantos enchem o espaço. O menino apaga o lampião. Os primeiros raios de sol atravessam as copas das árvores, traçando linhas no espaço e marcando pontos no chão. O menino vai para o poleiro de bambu e começa a verificar o acabamento dos pássaros artesanais e a conversar com eles, enquanto fala, vai se movimentando pelo poleiro. A luz continua subindo, bem lentamente.

MENINO: (Enquanto fala vai se dirigindo aos vários pássaros que estão pendurados):
Dia, Seu Sanhaço! Já vou lhe trazer sua banana. Pode deixar, uma inteirinha pro sinhô.
Mas nada de meter o bico na dos outros, seu guloso. (A outro): Dia, Seu Tié-do-Mato!
Mas o que é isso? Por que esse mau humor já de manhã cedo? Vamos melhorar essa
cantilena. (A outro): Dia, Seu Coleirinho. Dormiu bem? (A outro) - Dia, Seu Tico-tico! (A
outro): Dia, Dona Corroíra! (A outro): A benção, meu Cardeal! Sim, sinhô, tenho feito
minhas orações todo santo dia, quando me deito e quando me levanto. Mas de vez em
quando eu minto um pouco. (A outro) - Olá, Dona Saíra! Como está vistosa hoje! Já fez
a muda? Essas cores estão uma beleza, mesmo! (A outro): Dia, Tié-Preto! (A outro): Seu
Chupim, que cheiro é esse? Andou revirando a bosta do gado de novo, né? (A outro):
Dia, Dona Juriti! (A outro): Calma lá, seu Quero-quero! Não me aponte esses esporões,
homem! Só vim lhe dar bom-dia. Não precisa se agitar assim. (A outro): Dia, seu
Pintassilgo!

Que animação! Assim vão ouvir o seu canto lá na vila. (Vai cumprimentando vários): Dia, Dona Rolinha! Dia, Seu canário! Dia, Seu Bem-te-vi! Como vai, Sabiá? Dia, Azulão! Olá. Beija-flor! Cambaxirra!
(A janela da casa se abre e aparece a velha).

VELHA: Dia, Menino!

MENINO: Dia!

VELHA: O dia nem amanheceu e você já tá aí empoleirado! Vem tomar seu café, anda.

MENINO: Dia amanheceu, sim. Não ouviu os passarinhos cantando?

VELHA: Cantaram mais cedo hoje.

MENINO: Mesma hora. A senhora é que despertou mais tarde.

VELHA: Deixe de trelelê e venha tomar o café, já falei.

Deixe de trelelê e venha tomar o café, já falei. A velha entra pela porta da casa trazendo uma caneca de café e um pedaço de pão. O menino desce do poleiro e vai até ela.

VELHA: (Entregando a caneca e o pão) Custei a dormir essa noite. Tava abafado que só! Nem uma brisa pra balançar a folhagem.

MENINO: (Comendo o pão) Senti, não. Dormi pesado. Só acordei quando o Urutau cantou.

VELHA: Você ouviu também?

MENINO: Cantou alto o bicho. Será que é coisa ruim?

VELHA: Besteira! Pássaro que é pássaro tem que cantar.

MENINO: Mas nem sempre a gente tem que ouvir.

VELHA: Quando terminar com o café, tem muito que fazer. Vamos limpar esse quintal e depois tem tarefa da escola pra aprontar.

MENINO: Não vamos trabalhar nos passarinhos hoje?

VELHA: Mais tarde.

MENINO: E a cantoria não vai ter?

VELHA: Acaso você já me viu começar o dia sem cantoria? Tá abestando moleque?

(Elas cantam)

Encanto da Passarada

Quanta alegria
No canto de um passarinho
Fazendo Um Ninho
Ou cantando por cantar
Isso é que é felicidade
Sempre em liberdade
A voar pelos céus

E na floresta
Ou no campo aberto
Pode estar bem certo
Que vai encontrar
Um João-de-Barro
Fazendo a casinha
Uma andorinha
No verão a voar

Um gavião voando solitário pelo ar
O barulho alegre que faz
Aquele bando de pardais
O canto harmonioso do canário
O lamento noturno do bacurau

Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi
Uma flor agradecendo
O beijo do colibri

MENINO: Ainda tá com sono, Velha?

VELHA: Já tô cansada de estar acordada.

MENINO: Pois não parece; deu uma cochilada na última estrofe.

VELHA: Tá falando o quê, o tabaréu?

MENINO: Deu uma desafinada.

VELHA: Deixe de presunção, menino.

MENINO: Escorregou, que eu ouvi.

VELHA: Ainda não nasceu o dia que vai ver você me ensinar cantoria.

MENINO: Foi naquela parte assim...

VELHA: (Interrompendo) Deixe de conversê que temos mais o que fazer. Venha, me ajude aqui no quintal.

MENINO: (Para si) Eu ouvi muito bem, subiu invés de descer.

VELHA: Vamos parar com os resmungos. (a velha começa a varrer o quintal e o menino a recolher alguns galhos secos)

MENINO: (Segurando um grande galho escuro) Ei, Velha! Veja só, não parece um Uiraçu?

VELHA: Não é que parece mesmo? E dos grandes!

MENINO: Ah, se eu fosse vivo naquela época, não ia deixar esse SANGUINOLENTO aprontar tanta maldade com os passarinhos. Aí o chupim estaria fazendo seus ninhos e criando seus filhotinhos até hoje.

VELHA: Não fale besteira, menino. Naquele tempo o bicho homem nem pensava em pisar na terra. E todos os animais viviam em perfeita harmonia.

MENINO: (Balançando o mesmo galho) Até que um dia, os gaviões e os falcões resolveram dominar todas as outras aves. E o rei dos reis era o Uiraçu, o mais temido dos falconídeos.

VELHA: Tá falando bonito, moleque.

MENINO: Aprendi na escola.

VELHA: Pois é, quando esses passarões declaram a guerra, os passarinhos não se acovardaram. Fizeram uma grande reunião decidir quem seria o líder da batalha. A passarinhada toda compareceu. A araponga ficou de vigia para dar o alerta caso aparecesse algum inimigo. (Sons de pássaros enchem o espaço, como numa assembleia): O João-de-Barro, com sua mania de organização, assumiu a chefia da reunião.

(A partir de agora o menino e a velha farão as vozes dos passarinhos, segurando os pássaros artesanais que estão fincados em varetas para secar)

VELHA: (Voz do João-de-Barro) “Ordem na assembleia. Ordem!!! Assim não vamos conseguir escolher o líder da batalha.”

MENINO: O beija-flor, tão pequenininho, mas muito brigão, achava que podia vencer os gaviões. (Voz do Beija-flor): “Deixem comigo, esses bandidos vão ver o que é bom pra tosse. Não vamos dar moleza pra aqueles grandões.”

VELHA: Mas a rolinha, que não gostava nada de violência, quis acalmar os ânimos. (Voz

da Rolinha): Acho que nós devíamos convidá-los para uma conversa civilizada. É conversando que a gente se entende.”

MENINO: O chupim, muito preguiçoso, achava que a melhor solução era esperar as coisas se resolverem sozinhas. (Voz do Chupim): “Vamos deixar as coisas como estão. Se nos metermos com esses gaviões, é bem capaz de piorarmos tudo”.

MENINO: (Voz do Beija-flor) “De jeito nenhum, seu covardão. Nós temos que lutar pela nossa liberdade. Votem em mim. Eu vou acabar com a raça desses malvados.”

VELHA: (Voz da Rolinha) “Eu é que não voto em você, seu beija-flor estouradinho. Não concordo com a batalha, vamos tentar selar a paz, tomando um bom chazinho.”

MENINO: (Voz do Beija-flor) “Você é uma bobona, rolinha. Esses gaviões não querem papo. Vão fazer picadinho da gente. O que você acha Chupim?”

MENINO: (Voz do Chupim) “Se é para escolher um líder, vamos votar no urubu. Ele é grande, feio e fedorento. Vai assustar os gaviões”.

MENINO: (Voz do João-de-Barro) “Chega de discussão. Eu, João-de-Barro, como presidente da reunião, digo que está na hora de escolher o líder da batalha”.

(Sobe o som da assembleia de pássaros. Mais alto ainda soa o piado da araponga.)

MENINO: Foi quando soou alto o piado da araponga. O chupim quis logo fugir. (Voz do Chupim) “Essa não, os gaviões estão chegando. Eu vou me esconder no meu ninho e esperar a confusão passar”.

VELHA: Foi uma batalha terrível. Os passarões eram muito mais fortes e os passarinhos não estavam organizados. Muitos saíram machucados.

MENINO: No fim o Uiraçu gritou: (Segurando o grande galho e fazendo a voz do uiraçu): “Não deixem nenhum escapar. Vamos bicar a cabeça de todos eles, arrancar as suas penas e colocar fogo nos seus ninhos”

VELHA (ela começa a cantar a música do chupim)

Chupim Malandro

Diz a lenda que o falcão
E o gavião
Incendiaram tudo do chupim
Ele fugiu todo apressado
Com o corpo bem queimado
Por isso é pretinho assim
De lá pra cá esse casal
Não carrega galho nem pau

Na pontinha do bico
Prefere botar os ovinhos
Quase sempre escondidinhos
Na casa do tico-tico.

Voa aqui, voa ali, voa lá (Início)
O Chupim não quer trabalho
Nem os filhos quer criar

Maria Preta ou vira-bosta
Tem lugar que gente gosta
De chamar o coitadinho
Malandrinho como ele só
Come frutas e jiló
E não gosta de fazer ninho.

VELHA: Pobrezinho do chupim, ficou com as penas queimadas.

MENINO: Pobrezinho, coisa nenhuma! Onde já se viu ficar botando ovos nos ninhos dos outro.

VELHA: Bom, já que ele não faz ninho, precisa usar o ninho de outros passarinhos.

MENINO: São muito desnaturados, esses chupins. Nem se preocupam com os filhotes. Abandonam os ovos em qualquer ninho e vão embora, sem mais nem menos.

VELHA: (Puxa o menino para si e recosta a cabeça dele em seu peito) Eles sabem que os outros passarinhos vão chocar os ovos e cuidar dos filhotes, como se fossem seus.

(Pela direita entre o moço, que traz um violão nas costas. Ele veste traje da cidade).

MOÇO: (Batendo palmas) Oh, de casa!

MENINO: Chegou freguês, Velha.

VELHA: Tô vendo. (Para o moço): Pode chegar, seu moço.

MOÇO: Dá licença. Desculpe incomodar tão cedo.

VELHA: Incomoda não. Aqui levantamos antes do sol. A essas horas já estamos na lida.

MOÇO: Isso aqui é quase mata fechada.

VELHA: Prefiro assim. Desse jeito só chega quem é bem chegado ou então muito mal intencionado. Distraído e descuidado por aqui não passa. Visita e freguês só querendo muito. Não tem aquela de “tava por perto e resolvi dar uma passadinha”.

MOÇO: Vocês devem gostar mesmo de sossego.

VELHA: É melhor pra trabalhar. Faça o favor de se sentar. É largo o caminho e o senhor deve tá cansado. Aceita um pouco d'água?

MOÇO: Por favor.

VELHA: (Para o menino) Vá buscar água pro moço.

MOÇO: Confesso que lá na cidade não costumo caminhar tanto.

VELHA: De onde o senhor vem?

MOÇO: Do Rio, mas nasci em Minas e meus pais são nordestinos. Me chamo João. E a sua graça qual é?

MENINO: (Trazendo um copo com água) Olha a água.

VELHA: Há muito tempo que deixei de lado essa coisa de nome. Por aqui me chamam só de Velha. (Indica o menino): E esse aqui é o menino.

MOÇO: Também não tem nome

VELHA: Ter tem, mas não usamos aqui.

MOÇO: Quase me perdi vindo pra cá. Só achei o caminho por causa da música.

MENINO: Começamos o dia sempre com uma cantoria

VELHA: (Indicando a viola) O senhor, pelo visto, também gosta de música.

MOÇO: É um amor antigo. Toco desde criança. Acabei virando professor de música. Não dizem que quem não saber fazer, ensina?

MENINO: Deve ensinar errado, então.

VELHA: Tá falando demais. Fica quieto. (Para o moço) – Mas o que lhe traz de tão longe?

MOÇO: Estou à procura de um presente especial para uma pessoa especial.

VELHA: Uma pessoa?

MOÇO: Uma mulher.

MENINO: Namorada?

MOÇO: Ela não é mais minha namorada. A gente brigou e depois apareceu um outro

fulano. Um partido melhor. Afinal, não é tão difícil encontrar um partido melhor que um professor de música.

VELHA: No meu tempo, um homem jovem, bonito, trabalhador e que tocava viola era um partido mais do que bom.

MOÇO: É, os tempos mudaram.

MENINO: Aqui tem presente bonito.

MOÇO: Pois é. Me contaram lá na vila dos pássaros que vocês fazem. (Vai até o móbile): São esses pendurados aqui?

MENINO: Tem muito mais lá dentro. Esses aqui ainda não tão prontos.

MOÇO: Uma beleza! São pássaros aqui da região?

MENINO: Tem de tudo quanto é lugar do país.

MOÇO: E como vocês conhecem todas essas espécies?

VELHA: Quando meu marido ainda era vivo, nós corremos esse país de norte a sul. E por onde a gente passava, dava um jeito de conhecer os passarinhos. Hoje, com barro, tinta e penas, vou trazendo de volta as aves que vivem aqui, na minha memória.

MOÇO: É incrível o seu trabalho. Mesmo sem estarem prontos, já parecem vivos. Tem alguma coisa neles... eu não sei o que é, mas... parecem habitados por espíritos.

MENINO: Qual o seu passarinho preferido?

MOÇO: É a rolinha. Ela me inspira coisas boas; me faz lembrar do meu tempo de criança, quando a meninada lá da rua se juntava de tardinha pra brincar de roda.

Cantiga de Roda

Rolinha voou, voou
Caiu no laço se embaraçou
Oi me dá um abraço que eu desembaraço
A minha rolinha que caiu no laço.

VELHA: O senhor deve ter bom coração pra gostar tanto assim de rolinha. A maioria nem liga pra ela. Mas é pássaro de Deus, abençoado.

(Moço canta)

Rolinha Abençoada

Rolinha, Rolinha, Rolinha
A cabocla ou a cinza clarinha
Convive bem com Tico-Tico e pardal
E no Quintal, brincando vai e vem

Teu canto é triste e suave
Abençoado pelo céu
Rolinha, meiga rolinha
Me embala no canto teu

Voa feliz solitária
Ou em bando de mais de cem
Rolinha, meiga rolinha
Tua paz me ensina também

Rolinha, meiga rolinha
Tão tranquila, tão mansinha
Vem aqui na minha mão
Que eu te dou meu coração.

MOÇO: Pois é, minha mãe me contou essa história quando eu era pequeno e nunca mais esqueci. Nossa Senhora e São José estavam fugindo com o menino Jesus. Os soldados romanos já estavam quase os alcançando quando apareceram as rolinhas, centenas delas, e começaram a ciscar o chão apagando as pegadas da família. Os soldados iam matar o Menino Jesus; foi graças à rolinha que ele sobreviveu.

Pousam no quintal
Ciscam, comem e vão embora
Foi a rolinha
Que ajudou nossa senhora.

MENINO: Como é que pode, né? Um bichinho tão pequenininho foi quem salvou o salvador.

(Pousam no quintal)

MENINO: (Entrando na casa) Nós temos uma rolinha lá dentro. Vou pegar pro senhor ver.

MOÇO: (A sós com a velha) Muito esperto esse garoto. Está na escola?

VELHA: Claro que sim. Vai todo dia até a vila pra aula. E só tira nota boa.

MOÇO: Mas não é muito cansativo esse vai-e-vem todos os dias? A distância até a vila não é pequena.

VELHA: Ele tá acostumado com a lonjura.

MENINO: (Entrando com a rolinha de barro) Olha só que beleza.

MOÇO: É linda mesmo. Essa vai pra minha casa.

MENINO: E pra sua namorada? Vai ter que escolher outro.

MOÇO: Ela não é mais minha namorada. Mas pra ela quero um pássaro muito especial. Você me ajuda a escolher?

MENINO: Pra escolher presente tem que conhecer a pessoa.

MOÇO: Eu tenho uma foto dela aqui. (Pega a foto na carteira): Olha, não é bonita?

MENINO: Bonita mesmo.

MOÇO: E você tem namorada?

MENINO: As meninas são muito bobas; têm medo de mim.

MOÇO: Medo?

MENINO: (Após uma pausa) Acho que eu sei o passarinho que a sua namorada vai gostar.

MOÇO: Por que as meninas têm medo de você?

VELHA: Bobagem. Crendice do povo. Gente ignorante é um perigo. Tão sempre imaginando coisa.

MOÇO: (Para o menino) Por que as meninas têm medo de você?

MENINO: O povo acha que antes de ser menino eu era passarinho.

MOÇO: Passarinho?

MENINO: É, eles acham que eu não nasci de gente; que foi a velha que me fez.

VELHA: Já falei pra não ficar repetindo essa história. Boato é que nem erva daninha, quanto mais se mexe, mais se espalha. Essa gente é muito fuxiqueira, gosta de inventar. Por isso que eu gosto de viver aqui no meio da mata, longe do povo.

MOÇO: Se esconder às vezes até que é bom...

VELHA: E eu lá sou mulher de me esconder? Vivo aqui por escolha. Já andei por esse mundão todo aí fora; e vi muita coisa, moço. Conheci muita gente, muitos lugares, mas só me encontrei aqui, no meio da mata. Aqui a gente pode viver em paz.

MOÇO: Menino, será que você pode me trazer os outros passarinhos? Precisamos escolher o presente.

MENINO: (Saindo) Vou pegar, então.

MOÇO (Depois que o menino sai): Esse menino não é seu filho, é?

VELHA: É meu filho no papel; fui eu que registrei. Mas não tem meu sangue, não.

MOÇO: E a mãe dele?

VELHA: Morreu logo que ele nasceu. Tava muito doente, a coitada. Acho que era a malária. Ela apareceu aqui e pediu pra eu tomar conta do neném; ele também tava doentinho. Eu levei ele pra dentro, pra dar água e ela ficou sentada ali na porta esperando. Quando eu voltei, ela tinha sumido. Eu quis ir atrás dela, mas não podia deixar o menino sozinho. Tinha que cuidar.

MOÇO: E ela nunca mais apareceu?

VELHA: Não. O mais estranho é que ninguém nunca ouviu falar dessa mulher. Ela apareceu do nada e sumiu pro nada também. Por isso o povo fica inventando história. Às vezes eu acho que foi um anjo que trouxe ele pra mim. Quem vê esse menino hoje, forte, esperto, cheio de saúde, nem imagina. Quando chegou aqui, era uma coisica de nada; fraquinho, quase nem comia. Tão miudinho que parecia até um...
(Interrompe-se)

MOÇO: Passarinho.

VELHA: É, parecia um passarinho, mas é gente; nascido de gente.

MENINO: (Entrando com uma caixa grande) Tive que tirar as caixas de encomenda de cima. Esses daqui ainda não têm dono.

MOÇO: (Abrindo a caixa) Nossa! São tantos que eu nem sei por onde começar. Acho que vou levar vários.

MENINO: (Pega um outro) Esse aqui o senhor tem que levar; é o seu xará, o João, João-de-barro.

MOÇO: Você acha que ele se parece comigo?

MENINO: Parece até que são da mesma família. Acho que Deus talhou vocês do mesmo barro.

MOÇO: E por que você acha que somos tão parecidos?

MENINO: É que esse passarinho adora trabalhar; e trabalha sempre cantando, sem perder nunca a alegria. Ele gosta de construir sua casinha perto da cidade; não tem

medo do ser humano. Ele também vive apaixonado; e depois que se casa, fica com a mesma namorada a vida toda.

MOÇO: Agora sim tô vendo a semelhança. Será que eu já fui um João-de-barro em outra encarnação?

MENINO: Não duvido nada. Dizem que o João-de-barro era homem antes de ser passarinho. Conta pra ele aquela história, Velha

VELHA: Tá certo. Sente-se aí, seu moço, e faça silêncio.
(Com um galho, a velha traça um grande círculo no chão. Ela se senta num tronco, dentro do círculo e o menino e o moço sentam-se do lado de fora.)

VELHA: Contam os guaranis, que há muito tempo atrás vivia um curumim com seu velho pai no meio da mata, afastados do restante da tribo. Até que chegou o dia do ritual em os curumins se transformam em índios adultos. Todos os jovens daquela idade tinham que passar por três provas: uma corrida a pé, uma corrida a nado e por último, a mais difícil de todas, a prova do jejum. O vencedor receberia como prêmio a filha do cacique em casamento. Acontece que o curumim já estava apaixonado por uma outra índia e não queria se casar com a filha do cacique. No dia do ritual, mesmo sem esforço, ele venceu fácil as duas primeiras provas, deixando os outros muito pra trás. Passou então os nove dias do jejum paradinho, dentro da taba, bebendo apenas suco de milho. Quando foram buscar o curumim para festejar a vitória e apresentar a noiva, ele começou a ficar pequenininho, pequenininho, diminuía cada vez mais. Até que se transformou num João-de-barro. Ele voou para uma árvore e de lá soltou o seu canto alegre, como se risse das caras assustadas de todos. A bela índia que ele amava, quando viu essa prova de amor, foi correndo ao feiticeiro e pediu que a transformasse também num passarinho. E até hoje eles vivem juntinhos, felizes e construindo suas casinhas. Por isso que a gente costuma cantar assim: “João-de-barro é alegre e cantador; dos passarinhos é o mais trabalhador...”

MOÇO: E o mais romântico também. Gostei. “João-de-barro é alegre e cantador; me ensina como conquistar o meu amor”

(Os três cantam)

Pedreiro João-de-barro

No biquinho traz o barro
Vai e volta sem parar
Numa casa bem bonita
Com seus filhos ele vai morar

Sua cor não é bonita
E o canto também não
Mas faz casa bem firme
Perto da civilização.

João-de-barro
É alegre e cantador
Dos passarinhos
É o mais trabalhador

João-de-barro é bem mansinho
Trata os filhos com carinho
Com carinho
Porém não dá moleza não.

Vendo seus filhos
Todos bem criados
Se quiserem ficar encostados
Ele expulsa da mansão.

Eh! Preguiça não.

MOÇO: Não sabia que ele expulsa os filhos de casa, depois que estão criados.

MENINO: É por que se deixar eles ficam lá, na boa vida. Desse jeito, eles aprendem a construir suas próprias casas.

VELHA: Bom, moço, se o senhor já escolheu os passarinhos que quer levar, a gente pode embrulhar. O senhor me desculpe, mas o dia corre rápido e eu tenho que preparar o almoço.

MOÇO: (Começa a separar alguns pássaros) Já escolhi alguns, mas falta o principal. Ainda não achei um especial, capaz de reconquistar a minha amada. O que a senhora me sugere?

VELHA: Não conheço passarinho capaz de conquistar coração de mulher caprichosa.

MOÇO: Tem certeza? Lá na minha cidade eu ouvi dizer que existe um pássaro encantado, que com o feitiço certo consegue fazer qualquer um se apaixonar. Eu cruzei o país seguindo o rastro dessa lenda. A senhora já ouviu falar desse pássaro? Dizem que o nome dele é Uirapuru. Vindo da floresta, ouve-se um canto de pássaro longo e triste, depois, faz-se silêncio total.

VELHA: Uirapuru não é um, são muitos. Cada tribo costuma chamar de Uirapuru aquele que canta mais bonito de todos. Alguns dizem que é um espírito que vive na mata, protetor das aves.

MOÇO: Então não existe Uirapuru?

MENINO: Existe sim; e quando ele canta todos os outros passarinhos ficam em silêncio, por respeito e admiração.

MOÇO: Eu sabia! Então, é esse que eu quero.

VELHA: Mas desse eu nunca fiz.

MOÇO: Que pena. Mas eu não posso voltar para casa sem, pelo menos, ver um Uirapuru.

MENINO: A gente podia ir lá na mata. Eu sei de um local...

VELHA: Nada disso. Você tem lição da escola pra aprontar.

MENINO: Eu posso fazer mais tarde.

VELHA: Já disse que não.

MOÇO: Eu posso ir sozinho, não tem problema. Onde é?

MENINO: Mas o senhor vai se perder.

MOÇO: Acho que eu vou ter que arriscar. Além do mais, eu tenho um bom senso de direção.

VELHA: Tá falando bobagem. Essa mata aí é muito perigosa. Povo da cidade se perde fácil.

MOÇO: Mas eu fiz uma promessa a mim mesmo de conhecer o Uirapuru e vou cumpri-la de qualquer jeito.

VELHA: Adulto quando é teimoso, é pior do que criança.

MOÇO: (Saindo) Deve ser essa trilha aqui que dá na mata fechada. Não se preocupem, eu vou num pé e volto no outro.

MENINO: Ele vai se perder, velha

VELHA: Espere aí, seu moço. É melhor esse menino acompanhar o senhor.

MOÇO: Muito gentil da sua parte, se preocupar comigo.

VELHA: Daqui a pouco tá na hora do almoço. Vou colocar qualquer coisa no fogo.

MOÇO: Por mim não precisa se incomodar

VELHA: O senhor é que pensa, vai voltar da caminhada com uma baita fome.

MOÇO: (Indo pela esquerda) Até mais então.

MENINO: Por aí não, por aqui.

(O menino sai puxando o moço pela mão. A velha fica observando, depois vai se sentar no banco de modelar pássaros).

VELHA: (Começa a trabalhar em alguns pássaros) É, meu menino tá crescendo. Daqui a pouco vai deixar de ser um curumim. O tempo passa rápido, mesmo aqui na mata. Debaixo desse céu, no meio dessas árvores, a gente pode até se enganar e pensar que o tempo tá parado, que não muda nada. Mas isso é cegueira. Os sinais tão por aí em todo lugar. Uma muda nova que nasce, um galho que cresce, uma flor que murcha. Por que ia ser diferente com a gente? Ontem mesmo ele era um bebezinho desse tamanhinho. Chegou aqui tão pequenininho que parecia até um beija-flor, como esse aqui na minha mão (Enquanto trabalha no Beija-flor, vai contando a história). Tão pequenininho e tão rápido. Sabiam que ele é o único que consegue ficar paradinho no ar? É por que suas asinhas batem muito rápido. E também é o único que consegue voar pra frente e pra trás, como de marcha ré. E sabem como foi que ele aprendeu a fazer isso? Foi há muito tempo atrás, num dia que a mamãe Beija-flor resolveu dar uma festa. Cada passarinho foi levando uma comida. Menos as sobremesas, que eram a especialidade da Sra. Beija-flor. Ela fazia cada uma mais gostosa que a outra. Tinha de um tudo. Quando a filhinha Beija-flor, que era muito comilona, viu todos aqueles doces na cozinha e não resistiu, comeu unzinho, depois mais unzinho, outrozinho, mais outrozinho, mais unzinho só, mais outrozinho só e por aí foi. Quando a mamãe Beija-flor foi buscar as sobremesas para os convidados, levou um susto daqueles, sua filhinha tinha comido tudo. Que Vergonha! Como ela ia fazer com os convidados? Disse então à sua filhinha comilona que fosse buscar néctar de flores para fazer mais doces. Como a filhinha Beija-flor era muito pequenininha, teve que ir e voltar muitas e muitas vezes. E tão rápido ia e vinha, que nem chegava a fazer curva. Foi assim que aprendeu a voar pra frente e pra trás.

(A Velha canta)

Mimoso Beija-Flor

Beija-flor é mimoso
É tão pequenininho
Dentro da caixa de fósforos
Pode dormir seu filhinho.

Tem uma rara beleza
Essa criaturinha
São mais de mil por minuto
As batidas de suas asinhas.

Só ele consegue e faz
Voar pra frente E pra trás.

(Ainda cantando ela vai entrando na casa.)

PARTE II - MATA

(O menino e o moço chegam no meio da floresta).

MOÇO: Como é que você consegue se guiar por aqui? Quase não dá pra ver a trilha. Depois de um tempo fica tudo igual; parece que estamos dando voltas.

MENINO: É o costume; conheço isso aqui como a palma da minha mão. Eles ouvem um canto de pássaro.

MOÇO: É esse o Uirapuru?

MENINO: Você não entende nada de pássaros mesmo, né? Esse foi o Jaó. Não ouviu ele chamando a Perdiz?

MOÇO: Como é que é?

MENINO: O Jaó quando canta chama pela Perdiz e a Perdiz quando canta chama pelo Jaó.

MOÇO: Não to entendendo nada.

MENINO: É que agora eles vivem separados, mas antes só andavam juntos.

MOÇO: Pra mim você tá falando tupi-guarani. Continuo não entendendo.

MENINO: Espere um momento que vou lhe contar.

(O menino canta):

Fim da Amizade

Os antigos contam
Uma história que assim diz
Antigamente o Jaó
Era amigo da perdiz.

Diziam que a perdiz
Sempre lá na mata ia
E o Jaó no descampado
Lhe fazia companhia
Mas um dia eles brigaram
Jaó muito indignado
Ficou no mato fechado
De lá nunca mais saiu
A perdiz aborrecida
Foi viver num campo aberto

Na mata nem chega mais perto
E o Jaó nunca mais a viu
Diz a lenda que o Jaó
Está morrendo de saudade
Mas a perdiz é orgulhosa
Não quer mais sua amizade.

MENINO: E o Jaó fica na beirada da mata chamando, com uma vozinha triste - Vamos fazer as pazes? E a perdiz responde, decidida - Eu nunca mais.

OS antigos contam
Uma história que assim diz
Antigamente o Jaó
Era amigo da perdiz.

MOÇO: Gostei. Parece até a minha história. Antes eu e minha namorada nos dávamos tão bem! De repente, por causa de umas bobagens, começamos a nos desentender. E agora parece que falamos outra línguas, que vivemos em mundos diferentes.

MENINO: O senhor gosta muito dela, né?

MOÇO: Demais. E ela vai voltar a gostar de mim. Custe o que custar. Você precisa me ajudar a encontrar o Uirapuru.

(Ouve-se o canto da Uirapuru)

MENINO: Falando nele...

MOÇO: O Uirapuru?

MENINO: Ele mesmo. (Apontando): Deve ter ido pra lá. Venha. (Eles andam um pouco tentando não fazer barulho): Olhe, ele tá ali, naquela árvore.

MOÇO: Estou vendo. É lindo!

MENINO: Não pode fazer barulho, se não ele foge.

MOÇO: (Retirando uma gaiola da mochila): Eu preciso pegar esse passarinho, menino.

MENINO: Tá maluco? Não pode pegar passarinho. É maldade.

MOÇO: Eu sei, mas me falaram que se eu pegar o passarinho e fizer o feitiço certo consigo conquistar a minha amada.

MENINO: E você por acaso sabe fazer feitiço?

MOÇO: Não, mas conheço gente que sabe. Depois que o feitiço ficar pronto, a gente

solta ele. Você me ajuda a pegar?

MENINO: Não sei, não. A velha disse pra nunca pegar passarinho.

MOÇO: Mas a gente não vai deixar ele preso. E você? Não gosta de nenhuma menina? A gente pode usar o feitiço arranjar uma namorada pra você também.

MENINO: Não quero namorada, não. As meninas são muito bobas.

MOÇO: Mas não tem nenhuma de que você goste mais?

MENINO: Bom, tem a Ritinha, NE. Ela é legal. Até divide a merenda comigo.

MOÇO: Então? Depois a gente solta o bichinho. Aí eu fico com a minha namorada e você com a Ritinha. Você não sabe imitar o canto dele? Pode atraí-lo.

MENINO: Tá certo. Me dá essa gaiola aqui. Eu vou lá perto e o senhor fica quietinho aqui.

(A atriz que faz a velha canta por entre as árvores do cenário).

Caçador

Bichos fujam
Olha o perigo, fujam.

Os bichos da floresta
Estão tremendo de pavor
Entrou na mata agora
Um terrível caçador.

Se tem canto bonito
Na gaiola quer prender
Se tiver carne gostosa
Vai matar para comer.

(O menino some no meio da mata com a gaiola. O moço fica observando. Depois de um tempo, o menino aparece no alto de uma árvore cantando como o Uirapuru. Ele pode estar com um figurino de pássaro. Alguns sons estranhos surgem; a mata se agita. Depois de um tempo tudo fica quieto e o silêncio pesa na cena. Após um tempo o menino reaparece com o Uirapuru dentro da gaiola. Ele vem cambaleando).

MENINO: Tá aqui o seu passarinho.

MOÇO: Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

MENINO: Sei não, só lembro de ter subido na árvore. Depois apagou tudo. (Ele se apoia

no braço do moço).

MOÇO: Você tá quente, menino. Tá passando mal?

MENINO: Eu nunca passo mal. (Desmaia).

MOÇO (Tentando reanimá-lo): Não faça isso comigo, menino. Acorde. Você não pode desmaiar aqui. Como eu vou achar o caminho de volta? Eu não sei andar nessa mata. Menino, menino! (Pega o menino no colo).

PARTE III - A volta para Casa

(A velha entra pela porta da casa com um avental e uma colher de pau na mão).

VELHA: Aconteceu alguma coisa, eu tenho certeza. Aquele aperto no peito que eu senti foi um pressentimento. Eles já deviam ter voltado há muito tempo. A melhor coisa a fazer é rezar, para eles encontrarem o caminho de volta. (Puxa um amuleto que esta pendurado num cordão e começa a rezar).

MOÇO: (Entrando com o menino no colo) Ajuda aqui, velha.

VELHA: (Indo até ele e ajudando a colocar o menino no chão) Minha Nossa Senhora! Mas o que aconteceu?

MOÇO: Eu não sei. Ele estava bem, e de uma hora pra outra desmaiou. A gente estava lá no meio da mata fechada. Quase não consegui voltar. Errei o caminho três vezes.

VELHA: (Fala enquanto examina o menino) Ainda bem que o senhor manteve a calma.

MOÇO: Eu só pensava que tinha que trazer ele pra casa. Como ele está?

VELHA: Não tá nada bem. A respiração tá fraquinha. Me conte tudo que aconteceu. Isso não pode vir do nada.

MOÇO: Bom não foi nada demais...

VELHA: O que foi que vocês aprontaram, desembuche logo.

MOÇO: Ele só subiu na árvore para pegar o passarinho...

VELHA: Passarinho?

MOÇO: É, o Uirapuru.

VELHA: Mas então foi isso! Onde já se viu prender Uirapuru? Ele é um pássaro sagrado! É o guardião da mata e protetor de todas as aves. Quem pega o Uirapuru fica amaldiçoado.

MOÇO: Não foi culpa dele, eu é que pedi.

VELHA: E onde está o Uirapuru?

MOÇO: (Tirando o Uirapuru da mochila) Tá aqui.

VELHA: Ainda bem que o senhor trouxe o passarinho. (Retira o passarinho da gaiola) Agora se afaste. (Pode entrar novamente a música do uirapuru) (Ela murmura ao ouvido do passarinho, executa uns gestos de ritual, encosta a cabeça do passarinho na cabeça do menino e depois o passa pelo corpo dele. Depois vai até a lateral e solta o passarinho em direção a mata e volta para junto do menino, fala para o moço) Agora me traga água.

MOÇO (Levando a água): Ele está melhor?

VELHA: Ele já vai voltar.

MOÇO: Graças a Deus. A gente não fez por maldade. Era só pro feitiço, depois ia soltar.

VELHA: Mesmo assim é maldade. Ninguém pode pegar passarinho, principalmente esse menino.

MOÇO: Por que principalmente ele?

VELHA: Esse menino tem alma de passarinho.

MOÇO: Então o povo está certo, esse menino não é como os outros

VELHA: Ele é um menino como outro qualquer. Todo mundo tem dentro de si a essência de algum bicho. Onça, macaco, cobra. A desse menino é o passarinho. Quando ele aprisionou o Uirapuru, foi como se tivesse aprisionado a sua própria alma.

MENINO: (Acordando) Para de inventar história, velha. O moço vai ficar impressionado.

VELHA: (Abraça-lhe e lhe dá muitos beijos) Meu menino, que susto você me deu. Não me faça mais isso. Nem sei o que eu faria se acontecesse alguma coisa com você.

MENINO: Não aconteceu nada, Velha. Mas agora pare de me beijar que está me deixando melado.

VELHA: Eu vou trazer a comida, você precisa se alimentar.

MENINO: Eu já estou bem.

VELHA: Mesmo assim, tem que comer e depois você vai se deitar. A Velha sai para buscar a comida.

MENINO: Não acredite em tudo que ela diz, essa Velha é uma contadora de histórias.

MOÇO: Histórias vou ter eu para contar, quando voltar para casa. A Velha volta com os pratos de comida.

VELHA: Tome aqui, seu moço. Não repare, é comida de gente humilde.

MOÇO: Deve ser gostosa, então.

MENINO: E lá na cidade, moço, tem muito passarinho?

MOÇO: Muito menos que aqui. Mas se tiver árvore por perto, dá pra encontrar. O problema é que não sobraram muitas árvores por lá. Tem também os que vivem presos em gaiolas.

VELHA: Pois é, né moço? Maldade prender passarinho. Não sei como é que pode.

MOÇO: Também acho. Só pode ser gente que não tem coração, pra gostar de ver os bichinhos presos. Canário, então, que canta bonito mesmo na gaiola, tem aos montes. Mas isso vem de muito tempo atrás, antes do Brasil ser Brasil. Foram os espanhóis que descobriram esses cantadores na África, nas Ilhas Canárias. Começaram então a aprisionar os passarinhos e a levarem de navios para o resto da Europa. Todos queriam um canarinho para enfeitar a sua casa. Ganharam rios de dinheiro com isso. Mas um dia um navio carregado de canarinhos afundou, e a passarinhada toda voou livre e se espalhou pelo mundo. O seu canto e a sua beleza até hoje encantam o homem.

VELHA: O homem também não mudou muito nesse tempo todo. Ainda hoje quando vê alguma coisa bonita, quer logo pra ele, mesmo que tenha que prender numa gaiola.

MENINO: (Levanta-se e começa a dançar) Ainda mais o canário que canta bonito assim: tiriri tiri rim, do princípio ao fim.

VELHA: Sossega, moleque.

MENINO: Eu já tô bem, Velha. O seu canto é raro, TEM muito valor.

VELHA: Melodia linda, sabe o meu cantor.

(Os três cantam)

Canarinho Cantador

O meu canto é raro / Tem muito valor
Melodia linda / Sabe o meu cantor.

Eu sou o Canário
Vim de longe pra ficar
Nem me importa o tempo

Gosto de cantar.

Ele canta assim / Tiriri tiri rim
Do princípio ao fim / Tiriri tiri rim.
Nós viemos de uma ilha
Perto lá de Portugal
E no mar
Muita chuva e frio
Vento forte no navio.

Veio um temporal.
E um raio brilhou
No navio caiu.

A gaiola virou
E a grade se abriu.

O canário assustou
Com medo fugiu.

Pra terra avuou
E chegou no Brasil.

Nossa cor amarela parece
Maduro limão
E gostamos tanto desta terra
Pois é
Canarinho agora virou
O apelido da seleção.

Canarinho ô / Canto por amor
Canarinho ê / Canto pra você
Canarinho a / Eu vou te ensinar.

Também quero cantar
Vem, vem cantar pra mim.

Tiriri tiri rim / Bem bonito assim
Tiriri tiri rim / Tiriri tiri rim
Tiriri tiri rim / Tiriri tiri rim.

MENINO: Olha, que o senhor também sabe contar histórias.

MOÇO: Não são tão boas como as de vocês, mas eu sei algumas, sim.

VELHA: (Apanha na caixa dois passarinhos) Leve esse casal de canários de presente para a sua amada. Pode não ser enfeitado, mas é romântico demais.

MOÇO: São lindos, com certeza ela vai adorar, mas acho que não vai ser o suficiente para reconquistá-la.

VELHA: Escuta aqui, moço. O senhor saiu da sua cidade, cruzou o céu, atravessou os rios, roubou passarinho, se perdeu na mata. Tudo isso pelo amor de uma donzela. Pois conte tudo isso a ela. Não tem moça que não se derreta por um amor assim. Aposto como vocês vão fazer as pazes. E da próxima vez que nossos caminhos se cruzarem, o casório vai estar marcado.

MOÇO: Será? É, acho que a senhora pode ter razão. Assim que chegar lá, escrevo para vocês contando se deu certo. Bom, acho que já vou andando. A caminhada até a vila é longa e já está acontecendo.

MENINO: Não esqueça os outros pássaros.

MOÇO: Quanto fica tudo isso?

VELHA: É cortesia, não posso cobrar de um amigo.

MOÇO: Faço questão, é o seu trabalho.

VELHA: Dê então o que o senhor achar que deve.

MOÇO: (Tirando algumas notas e colocando na caixa) Está certo então. Até a vista. Se um dia forem à minha cidade não deixem de me procurar. E eu prometo que um dia volto aqui. Espero que muito bem acompanhado, com a minha namorada. E você menino, quem sabe, vai estar com a Ritinha.

VELHA: Quem é Ritinha?

MENINO: Assunto de homem, Velha. Adeus, seu moço.

MOÇO: Adeus. E até a próxima.

(Eles se despedem e o moço sai).

MENINO: Hoje o dia foi cheio.

VELHA: É verdade. Agora me diga, essa tal de Ritinha...

MENINO: (Saindo para a casa) Acho que eu vou lá pra dentro, tem lição da escola pra fazer. Depois a gente conversa.

VELHA: Volte aqui, moleque, e me conte essa história.

MENINO: (Já fora de cena) Já chega de histórias por hoje, Velha.

VELHA: (Fala para dentro da casa) Está certo, mas depois quero saber de tudo direitinho...

(Após a saída do menino, a luz vai caindo, trazendo o anoitecer. A velha fica em cena recolhendo alguns objetos e cantando a música do Beija-flor. Logo ela sai e após alguns instantes vem o menino de dentro da casa. Ele vai até o móbile de pássaros e começa a conversar com eles.

MENINO: Viu, Seu Sanhaço, como o moço da cidade gostou de vocês? É, lá não tem passarinho bonito como aqui. (Se dirige a outro): Não, Dona rolinha, ele não foi pra sempre, não. Ele vem visitar a gente. (A outro): É, seu Cardeal, quando ele voltar, vai trazer a namorada pra gente conhecer. (A outro): Eu? Quem sabe! É, seu Bem-te-vi, quem sabe um dia eu vou lá conhecer a cidade grande e visitar ele? (A outro): É seu, Beija-flor, deve ser bom correr o mundo. (A luz vai caindo enquanto a voz do menino vai sumindo e o som dos passarinhos vai aumentando): Se eu fiquei com medo do Uirapuru? Claro que não, seu chupim, não sabia que nós somos irmãos de alma? (A outro): Já vai dormir, dona Corroída? É mesmo, já está anoitecendo. Como o tempo passa rápido. Mais um dia se foi. (A outro): Boa noite, Seu Tico-tico, eu também já vou dormir, amanhã tem escola. Durma bem, seu Tié Preto. (A outro): Noite, Dona Juriti. (A outro): Boa noite, Sábida. Noite, Cambaxirra. Noite Canarinho

(A escuridão toma conta da cena e ouve-se apenas o som dos passarinhos muito alto. Aos poucos o som de instrumentos vai se misturando ao som dos passarinhos, transformando-se numa música, entram os personagens, com seus instrumentos, cantando a mesma música da abertura).

F I M

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Texto publicado na Revista do 3º Seminário Nacional SESC CBTIJ de Teatro para a Infância e Juventude, de 2006. Texto registrado na Biblioteca Nacional, sob nº 323.377 - livro 592.

Contato do Autor: fidelys_fraga@yahoo.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Informações sobre o autor



UIRAPURU MENINO E OUTRAS HISTÓRIAS DE PÁSSAROS

Texto de Fidelys Fraga

Letras das Músicas de Carlos Valoura e Fátima Rodrigues

Fidelys Fraga é integrante da Nova Dramaturgia Brasileira. Dentre seus textos destacam-se: *Teresa D'Ávila* (2005), *A Santa Descalça*, *Fora de Foco* (2004) e *Cores, Cantos e Contos do Brasil*, musical transformado em CD (2002).